

SNS em mutação

Não são só os vírus que sofrem mutações, os sistemas de Saúde também podem sofrer alterações que a pouco e pouco os vão descaracterizando. A decisão de alargar a ADSE aos funcionários públicos com contrato individual de trabalho, envolvendo cem mil trabalhadores dos quais sessenta mil exercem funções no Serviço Nacional de Saúde, traduz claramente uma opção política de valorização de um modelo assente em seguros de saúde em detrimento do grande seguro coletivo, suportado por todos através dos seus impostos, o Serviço Nacional de Saúde (SNS).

Bem sei que a ADSE não se compara no todo aos seguros privados de subscrição individual, há uma base mutualista, que decorre do desconto fixo no salário bruto do trabalhador do regime público (3,5% atualmente), que a valoriza. Porém, sendo hoje a inscrição opcional, cada vez se distingue menos de um seguro privado. Digamos que sua força histórica (a base mutualista) é a sua fraqueza atual, ao ver-se desnatada dos beneficiários de maiores rendimentos e dos mais jovens, com conseqüente diminuição da receita sem redução da despesa. É, aliás, a necessidade de garantir a sustentabilidade financeira do subsistema que obriga a direção a negociações apertadas com o setor privado e a procurar receitas através da inscrição de trabalhadores mais jovens.

Sei, também, que foi esta a vontade dos Sindicatos da Função Pública, decisão que respeito, mas da qual discordo, por dois motivos fundamentais:

- Por não ver sustentabilidade financeira num modelo de acesso livre a consultas de todas as especialidades. Sem uma avaliação por medicina familiar, como previa aliás o documento fundador do subsistema em 1963 (médico de medicina geral, na altura), os subsistemas públicos ir-se-ão esgotando financeiramente numa vertigem de consultas, meios de diagnóstico e novas tecnologias de custo crescente.

- Por o alargamento dos subsistemas ter como conseqüência o empobrecimento do SNS. Não do ponto de vista financeiro, mas qualitativo, deixando-o como um serviço de saúde a cuidar de quem não tem alternativa. Não falando já do manifesto conflito de interesses que representa serem os próprios trabalhadores do SNS beneficiários da ADSE. Pergunto, quem vai comer a um restaurante em que os da casa vão comer fora?

Um dos argumentos dos que defendem o reforço da ADSE é da aquisição de bens e serviços ao privado da parte do SNS ser, também, crescente. Sendo esta uma realidade, é preciso perceber porquê e tomar medidas que minimizem o recurso ao *outsourcing* da parte dos serviços públicos. A atitude de abandonar o barco enquanto lhe vamos tecendo encómios, só contribui para fazer do SNS um ícone com pés de barro.

Bem sabemos que em política é mais fácil satisfazer clientelas que tomar medidas que vão de encontro ao interesse geral. Porém, evitar o debate alargado em Saúde, nomeadamente que serviço público queremos e como vamos financiá-lo, continuando a alimentar bigamias, só pode conduzir a maus resultados futuros.

Declaração de interesses: O autor é beneficiário da ADSE desde 1975

Jorge Almeida

Médico Cardiologista no Hospital São João

Este é um artigo de opinião não publicado. O conflito de opinião nele declarado levanta a questão:

- Face à nova realidade da ADSE como justificar que quem se revê no SNS se mantenha como beneficiário?

Claro está que podemos encontrar várias justificações mas, em coerência, a minha decisão está tomada: irei rescindir com o subsistema.

Jorge Almeida